

Resenha: *Appropriate methodology and social context* – Adrian Holliday*

Ana Maria Chiarini**
Universidade Federal de Minas Gerais

Adrian Holliday é professor em Canterbury Christ Church College, sul da Inglaterra, onde dirige uma linha de pesquisas em torno das relações entre cultura, língua, currículo e contatos profissionais na área de ensino de inglês em nível internacional (com especial concentração em países como Índia, Paquistão, África do Sul e China). *Appropriate Methodology and Social Context* resume os interesses do autor e é um dos resultados de suas experiências como pesquisador e coordenador de projetos em universidades na Síria e no Egito ao longo dos anos 80 e 90.

No prefácio, o autor justifica o próprio trabalho, baseando-se em fatos observados durante suas viagens e consultorias e na convivência com alunos e colaboradores das mais diversas procedências. Pelo que pôde observar, uma enorme quantidade de material

destinado ao ensino de língua é esquecido, sem qualquer uso, em secretarias de educação e escolas; projetos governamentais de altos custos não apresentam efeito significativo; muitos professores, após cursos de especialização ou doutorado no exterior, se vêem incapacitados para implementar o que aprenderam. Para Holliday, essas não são meras conseqüências da desorganização ou falta de recursos do Terceiro Mundo, sendo que o mesmo se verifica, com freqüência, na Europa Ocidental e no Japão, onde a questão de fundos para ensino e pesquisa não aparece como restritiva.

O autor defende que, ainda que exista um considerável desenvolvimento de questões lingüísticas e cognitivas, e, portanto, um invejável conhecimento teórico responsável pela elaboração de metodologias de ensino, tais teorias se basearam num conjunto limitado de contextos sociais. Apesar de o conhecimento prévio das necessidades do aluno ter se tornado pré-requisito fundamental para a elaboração de currículo e materiais, a partir do final da década de 70, na expressão de Holliday – cuja graduação foi em Sociologia – os profissionais da área “continuam a pôr o carro na frente dos bois”. Diz ele:

“Methodologies for teaching, for educating teachers, for designing curricula, and for designing and carrying out curriculum projects, continue to be refined, but without sufficient attention to, or knowledge of the people who will be involved.” (2)

Appropriate Methodology and Social Context vem exatamente ao encontro dessa falta, defendendo a bandeira da pesquisa e da etnografia. As primeiras duas partes do livro (“The cultures of the classroom” e “Sources of conflict”) ilustram como diferentes contextos sociais afetam o que acontece na sala de aula e na elaboração de currículo e os problemas que podem surgir se tal questão não for levada em conta. A terceira parte (“Appropriate methodology design”) diz respeito à natureza da prática necessária para se conseguir uma metodologia apropriada, trazendo para o centro do palco a pesquisa etnográfica, que deveria ser realizada não só por lingüistas aplicados, mas por todos aqueles ligados à educação.

Em minha opinião, o grande trunfo de Adrian Holliday, ao trabalhar “o contexto” e propor uma análise macro das culturas envolvidas, encontra-se no fato de centralizar seus esforços de investigação nas comunidades acadêmicas dos países que participam desse grande mercado que é o inglês internacional. Portanto, apesar de admitir a influência de estilos nacionais e determinações religiosas sobre a cultura da sala de aula, o autor, evitando os estereótipos e partindo do pressuposto de que hoje não mais existem culturas virgens e intactas, busca transcender as fronteiras das nações. Aponta a análise para o discurso acadêmico, no caso, aquele voltado para a política de ensino de língua inglesa, perpassado por muitos discursos que vão além da sala de aula egípcia, síria ou chinesa. Numa crítica articulada e incisiva, explora as formas como se dá a transferência de tecnologia (aqui entendida como tudo que se aplica à educação) do campo BANA (“Britain, Australasia and North America”) para o campo TESEP (derivado de “tertiary, secondary and primary”, países onde o inglês é disciplina em escolas públicas de primeiro e segundo graus e nas universidades). Para o autor, é o conflito BANA X TESEP, brilhantemente explorado no livro, que dá origem a uma “professional-academic schizophrenia” (72) e está no cerne da problemática referente à metodologia apropriada, perseguida há tempos por estudiosos e professores.

A criação e o desenvolvimento de métodos e abordagens são contextualizados por Holliday: departamentos de universidades do setor BANA com cursos de EFL como “anexos” ou que mantêm uma relação estreita, às vezes, formalmente institucionalizada, com escolas privadas, freqüentadas, em especial, por adultos com interesses específicos na aprendizagem da língua. Isso posto, não é difícil entender por que tais metodologias não se adaptam às situações encontradas em todo o mundo, onde o inglês é ensinado em escolas públicas, com papel importante na socialização dos indivíduos, de orientação não-comercial, cuja clientela não tem o mesmo interesse instrumental daquela do primeiro caso.

Acrescente-se a essa explicação o fato de que a cultura profissional-acadêmica tem características diferentes e conflitantes

nos dois blocos. Enquanto o grupo de professores e pesquisadores do campo BANA tornou-se essencialmente “integracionista” nos últimos 20 anos (baseia-se numa abordagem heurística, interdisciplinar, marcada por tarefas e solução de problemas), o campo TESEP compartilha um paradigma “coleccionista” (hierarquizado, com grande preocupação em relação à didática e à transmissão de conteúdo).

Holliday, ao apresentar essa tipologia (elaborada por Bernstein¹), passível de crítica em sua generalização, na verdade, não pretende manifestar um juízo de valor, mas utilizá-la para explicitar o caráter etnocêntrico de todas as metodologias exportadas.

“These methodologies are constructions on reality created largely to satisfy the needs of the professional-academic cultures of teacher groups. They represent paradigms which provide these cultures with recipes for action, rather as scientific paradigms provide recipes for action for scientific groups.” (90)

Seu interlocutor e alvo principal é o setor exportador da profissão, que ele identifica como os “mongóis” do ensino de língua inglesa:

“My reference to the Mongols (...) alludes to both a destructiveness and a nurturing of freedom and culture in their invasions of Asia and Eastern Europe. Although BANA integrationism claims democratisation of language learning, its destructiveness of integrationism is also clear, where it insists on the breaking down of existing departmental structures and subject conservatism in its orientation to a skills-basic, discovery-oriented, collaborative approach.” (78)

Na defesa da visão micro – um melhor conhecimento das salas de aula nos diversos contextos do ensino de inglês, Holliday faz um sobrevôo macro – em torno das culturas acadêmicas – e volta o seu foco de interesse para a instância micro, ao indicar a etnografia como forma de se conseguir uma maior sensibilização cultural (*cultural sensitiveness*) por parte de professores e profissionais da área. Esse movimento micro → macro → micro parece ser uma característica

desejável do método etnográfico proposto pelo autor, como é mais claramente explicitado num seu artigo posterior ao livro (Holliday, 1996).

É importante notar que a etnografia de Holliday acompanha o movimento que vem se observando na Antropologia desde o início da década de 80, assumindo o preconceito do pesquisador e a intersubjetividade no processo da pesquisa, temas tratados no texto.

“I am aware of my own bias. I argue against a professional ethnocentricity originating in Britain, North America and Australasia; and yet I myself have been brought up in this tradition and therefore will automatically be influenced by this same ethnocentricity. This is unavoidable; but at the same time I feel that there can be no such thing as an impartial view from any side. The ethnography which I advocate acknowledges the bias of the investigator as natural, as long as this bias is realised and accounted for.” (6)

Segundo o autor, a presença do pesquisador é fatalmente evidenciada durante o trabalho de campo, devendo ser explorada, no sentido de até mesmo contribuir para o processo de coleta de dados.

“The way in which the local situation responds to the presence of the observer, rather than ruining the research, reveals important aspects of that situation. This principle was evident when, on entering classrooms, I was requested to sit at the front next to the teacher. Rather than ruining my attempt to be inconspicuous, this revealed the hospitality and formality of the classroom culture.” (209)

Meu ponto de conflito com o livro se encontra no capítulo 10 (“A culture-sensitive approach”), talvez o mais importante, onde Holliday desenvolve idéias muito interessantes quanto à metodologia apropriada (na sua visão, sempre uma “becoming-appropriate methodology” pela impossibilidade de fechar uma noção essencialmente fluida e histórica) e quanto ao mito da centralidade do aluno (desconstruído com perspicácia).

Em minha opinião, o autor defende com excessiva convicção a abordagem comunicativa, em sua versão forte, como a tal

“becoming-appropriate methodology”, por sua capacidade de adaptação aos variados contextos de ensino, inclusive salas de aula de 300 alunos, freqüentes, por exemplo, no Egito. Minha crítica caminha em duas direções. A primeira diz respeito à forma como é caracterizada uma atividade comunicativa, que, no limite, poderia ser entendida como qualquer atividade “inteligente”, cabendo as atividades consideradas “estúpidas” às outras abordagens. Uma caracterização, no meu entender, um tanto simplista e movida pelo calor da defesa. A segunda se refere à questão do processo de desenvolvimento da ciência e do conhecimento. Holliday afirma que os professores, tentando encontrar um sentido entre todos os métodos com os quais foram bombardeados desde a década de 60, acabaram adquirindo uma visão seriada de metodologia, ou seja, a idéia de que os métodos são entidades discretas que surgem uma após a outra. Segundo o autor, tal visão impossibilita a percepção do desenvolvimento no campo da metodologia, já que enxerga apenas uma sucessão de receitas e técnicas a serem utilizadas e abandonadas de tempos em tempos.

Em sua defesa do movimento comunicativo, Holliday tenta marcá-lo como um momento privilegiado do ensino de línguas, definindo-o como uma verdadeira ruptura que uma visão seriada não conseguiria apreender. Propõe uma perspectiva que dê conta do desenvolvimento alcançado na área.

“A developmental view, on the other hand, sees the advent of communicative language teaching as an important breakthrough in which the language learner is no longer an empty receptacle who must learn a new language (...) Once this breakthrough is appreciated, it is no longer possible to go back to choose an earlier method if communicative language teaching does not appeal. What is needed is a further development of the communicative approach.”
(166)

É neste ponto, porém, que introduzo minha crítica à visão “desenvolvimentista”. Ainda que o autor admita que existam possibilidades de mudança a partir da abordagem comunicativa, sua

visão do processo de conhecimento parece marcada por uma concepção evolutiva, estando o comunicativismo no topo da pirâmide. No meu entender, a evolução da ciência não se dá de forma tão linear e com sentido único. Exatamente porque existem rupturas, brechas nas tradições, possibilidades de ultrapassar fronteiras de teorias e paradigmas, não podemos assegurar a linearidade da trajetória. Parece-me reducionista num mundo globalizado, de grande avanço no campo das ciências e das telecomunicações, fixar o advento de tal abordagem como marco determinante e fundamental para o futuro do campo. Imagino que, no pós-guerra, os proponentes do audiolingualismo também tenham tido forte entusiasmo e otimismo em relação às perspectivas do ensino de línguas a partir de suas descobertas e resultados.

Considerando o peso interpretativo do método etnográfico proposto e a qualidade da análise das culturas acadêmicas tecida pelo autor – motivos suficientes para a leitura da obra – essa concepção linear, mesmo que o leitor compartilhe de uma perspectiva favorável ao comunicativismo, é dissonante em relação à sua argumentação. Virtudes da abordagem comunicativa à parte, caberia aqui o salutar exercício da dúvida intelectual.

NOTAS

* Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

** Professora do Departamento de Letras Românicas e doutoranda do Programa de Estudos Lingüísticos da UFMG.

¹ On the classification and framing of educational knowledge. In M.F.D. Young (Ed.) *Knowledge and Control*. London: Collier Macmillan, 1971.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

HOLLIDAY, Adrian. Developing a sociological imagination: expanding ethnography in international English language education. *Applied Linguistics*, v. 17, n. 2, 1996.

Adrian Holliday's Home Page: <http://www.canterbury.ac.uk/depts/acad/languages/holliday/index.htm>. (10.07.1998)